

TEORIAS DA PERSONALIDADE

2008

Trabalho realizado no âmbito do 3º ano da licenciatura
em Aconselhamento Psicossocial no ISMAI (Portugal)

Nuno Jorge Mesquita Baptista

Licenciado em Aconselhamento Psicossocial. Licenciando em Psicologia. Pós-Graduando em Avaliação e
Intervenção com Crianças e Adolescentes. Especializando em Psicologia Escolar. Formador
nuno_iverson@hotmail.com

RESUMO

O estudo da personalidade constitui um domínio particularmente interessante nas áreas Sociais e Humanas. Desde os primórdios, a noção de personalidade tem sofrido significativas mudanças, o que, desde já, nos deixa a reflectir acerca do quão complexo é esta temática bem como de todas as componentes intimamente relacionadas.

Palavras-chave: Teorias, personalidade

INTRODUÇÃO

O estudo da personalidade constitui um domínio particularmente interessante nas áreas Sociais e Humanas. Desde os primórdios, a noção de personalidade tem sofrido significativas mudanças, o que desde já nos deixa a reflectir acerca do quão complexo é esta temática bem como de todas as componentes intimamente relacionadas.

Face a uma panóplia de definições, segundo Carver et Scheier (2000, cit in Hansenne, 2003) da forma mais sintética possível, destacam alguns pontos:

- I. A personalidade não corresponde a uma justaposição de peças, mas sim representa uma organização;
- II. A personalidade não se encontra num local específico. Ela é activa e representa um processo dinâmico no interior do indivíduo;

- III. A personalidade corresponde a um conceito psicológico cujas bases são fisiológicas;
- IV. A personalidade é uma força interna que determina como o indivíduo se comportará;
- V. A personalidade é constituída por padrões de respostas recorrentes e consistentes;
- VI. A personalidade não se reflecte apenas numa direcção, mas sim em várias, à semelhança dos sentimentos, pensamentos e comportamentos.

É também de relativa importância salientar muito superficialmente as noções de temperamento, de carácter e de traços da personalidade, sendo assim define-se temperamento como “traços inatos” da personalidade, cuja origem é iminente genética, sublinhando-se também o facto de os temperamentos poderem ser modificados pela experiência, independentemente da base hereditária que apresentam (Buss & Plomin, 1984 cit in Hansenne, 2003). Por sua vez, o carácter segundo o modelo de Cloninger e tal. (1993, cit in Hansenne, 2003) define-se por disposições duradouras, que aparecem mais tarde na vida do indivíduo, e que modificam os temperamentos base.

É claro que esta noção nada tem a ver com a ideia do senso comum, cuja palavra “carácter” é empregada para realizar algum tipo de apreciação como “Este sujeito possui um carácter forte”, e quer seja uma expressão positiva ou negativa, constitui sempre um juízo moral. Quanto ao traço de personalidade, representa uma característica durável, a disposição do indivíduo para se comportar de uma determinada forma em diversas ocasiões, e deste modo a noção de traço substitui afavelmente a noção de carácter.

Traços habituais são por exemplo: a impulsividade, a generosidade, a timidez, a sensibilidade, a empatia ou honestidade (Hansenne, 2003).

O presente trabalho tem como objectivo primordial a apresentação e divulgação de toda uma história de inúmeras teorias e classificações, agrupando-se deste modo em 7 perspectivas diferentes: a psicanalítica, a neo-analítica, a humanista, a da aprendizagem, a cognitiva, a das disposições e a psicobiológica no que concerne à noção supracitada de personalidade.

Com isto, esta produção está estruturada para que se torne mais fácil a sua compreensão, estando presentes as abordagens de autores como Freud, Jung, Adler, Horney, Sullivan, Erikson, Fromm, Rogers, Maslow, Skinner, Bandura, Rotter, Kelly, Mischel, Beck, Allport, Cattell, Eysenck, o Modelo dos 5 factores, Gray, Tellegen, Zuckerman e o Modelo biossocial de Cloninger, das respectivas perspectivas referidas.

No final encontra-se uma breve conclusão acerca do respectivo trabalho, e de uma lista de referências bibliográficas sobre a temática.

Abordagens da Personalidade

Existem duas grandes vias de abordagem no que se retoma ao estudo da personalidade, sendo estas a abordagem idiográfica e a nomotética (Fig. 1)

No que diz respeito à abordagem idiográfica, considera o indivíduo como uma pessoa inteira e única cujo processo consiste na concentração de um indivíduo e na observação das suas características em diversas situações, como acontece por exemplo nos estudos de caso. Ao passo que a abordagem nomotética faz referência à procura de regras que possam ser aplicadas a vários indivíduos, onde neste caso se estudam as características de um vasto número de indivíduos, comparando-os entre si (Hansenne, 2003).

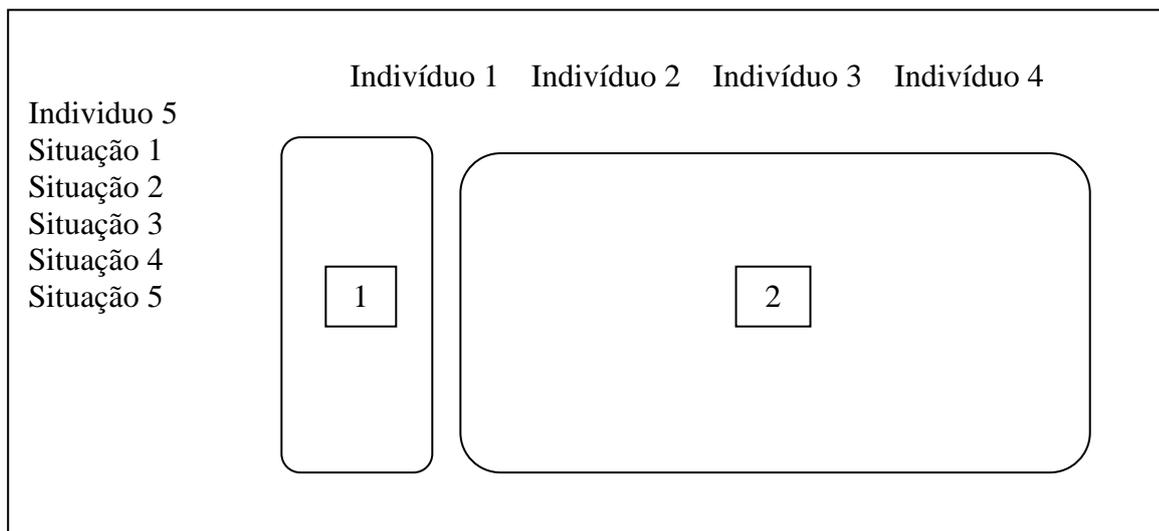


Fig. 1 Representação esquemática da abordagem idiográfica (1) e da abordagem nomotética (2).

Determinantes da Personalidade

Uma pergunta muito pertinente será “Até que ponto a hereditariedade exerce fortes influências sobre a personalidade?”. A grande maioria das obras acerca da genética da personalidade recorre a questionários de avaliação aplicados a adultos e a crianças. Nesse sentido, os questionários mais aplicados são o EPQ, o TCI, o NEO-PI e o 16 PF. Por norma, comparam-se as correlações intrapares de gémeos. Utilizando esta última premissa, os autores Loehlin e Nichols (1976, cit in Hansenne, 2003) efectuaram um estudo com 800 pares de gémeos, na qual foram examinados diversos traços da personalidade. Com o término deste

estudo, os autores chegaram a duas grandes conclusões, onde a primeira redige que todos os traços da personalidade se mantêm moderadamente hereditáveis, e a segunda que o meio que mais influencia a personalidade não é o ambiente comum às diferentes crianças de uma mesma família, mas sim aquele ambiente que não é partilhado.

Muito resumidamente, hoje em dia pensa-se que cerca de 40% das diferenças individuais referem-se a influências genéticas e que 60% se referem a influências do ambiente (Fig. 2)

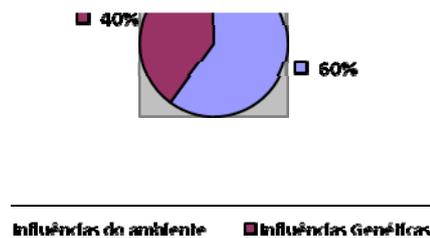


Fig.2 Resumo esquemático da influência dos factores hereditários e o efeito do ambiente não partilhado sob personalidade.

Teorias da Personalidade

1. Perspectiva Psicanalítica

A perspectiva psicanalítica é única, cujo seu autor é Freud. Os elementos mais importantes desta teoria são: a personalidade é um conjunto dinâmico constituído por componentes em conflito, dominadas por forças inconscientes e a sexualidade tem um papel crucial nesta teoria. Refere também a existência da primeira tópica e da segunda tópica, sendo o inconsciente, o pré-consciente, consciente e o Eu, Id, Supereu, respectivamente.

Segundo Freud (1964 cit in Hansenne, 2003), existem 5 fases no desenvolvimento da personalidade, sendo estas a oral, a anal, a fálica, o período de latência e a fase genital.

2. Perspectiva Neo-analítica

Jung rejeita a teoria da sexualidade e realiza uma interpretação dos sonhos de forma diferente. Um dos pontos essenciais da teoria de Jung é o de o inconsciente ser dividido em duas entidades diferentes: o inconsciente pessoal e o inconsciente colectivo, sendo este último constituído por arquétipos.

Segundo Jung (1933, cit in Hansenne, 2003), considerou duas atitudes distintas, a introversão e a extroversão e paralelamente a isto, definiu 4 funções psicológicas: o pensamento, as impressões, as sensações e as intuições. Fomentou também que o desenvolvimento da personalidade é encarado segundo 4 fases: a infância, a juventude, a middle age e a fase old age.

Segundo Adler (1927 cit in Hansenne, 2003), considerava o indivíduo como uma pessoa inteira, cuja vida passa da imaturidade para a maturidade. O autor refere que os indivíduos decidem o rumo que as suas vidas vai tomar e que independentemente da direcção tomada, procuram alcançar a perfeição dentro do que eles próprios estabeleceram.

Um dos aspectos fundamentais da sua teoria, assenta no facto de que o homem deve cumprir 3 tarefas na vida: inserir-se na sociedade, consagrar tempo a um trabalho e desenvolver relações amorosas. E sendo assim, é através destas 3 tarefas que a criança vai desenvolver os seus interesses sociais.

Segundo Horney (1945 cit in Hansenne, 2003), não considerava que a personalidade fosse exclusivamente determinada por pulsões inconscientes, nem que a libido constituísse a fonte energética das pulsões. A autora defende também que o desenvolvimento normal da personalidade apenas se evidencia se os factores presentes no ambiente social da criança lhe permitirem adquirir confiança em si mesma e nos outros. Deste modo, quando as condições não se evidenciam, a criança vai desenvolver uma ansiedade e poderá apresentar necessidades neuróticas.

Horney descreveu 3 tendências que os indivíduos verificam perante si próprios e diante dos outros para reduzir a ansiedade. São 3 maneiras de viver, pensar e comportar que desta maneira constituem 3 tipos de personalidade: o tipo submisso, o tipo agressivo e o tipo desligado.

Para Sullivan (1953 cit in Hansenne, 2003), a personalidade é constituída pela configuração duradoura das situações interpessoais recorrentes que caracterizam uma vida humana. O conjunto destas relações a “dois” começa com a relação com a mãe e termina com a escolha do parceiro. Relata também que existem 2 tipos de tensões provenientes das experiências que vivemos: as necessidades físicas e a ansiedade interpessoal.

Sullivan considerava que a personalidade se desenvolvia segundo 6 estádios de desenvolvimento da infância à adolescência, encontrando-se cada um centrado numa relação interpessoal única.

Erikson (1968 cit in Hansenne, 2003), criou a ideia de desenvolvimento da personalidade segundo 8 estádios psicossociais (relação existente entre o desenvolvimento psicológico do indivíduo e o contexto social). As referidas etapas compreendem 4 fases na infância, 1 durante a adolescência e 3 no decorrer da vida adulta.

Segundo o autor Fromm (1976 cit in Hansenne, 2003), a personalidade resulta da interacção dinâmica entre necessidades inerentes à natureza humana e as forças exercidas pelas normas sociais e pelas instituições. Refere que existem 8 necessidades e atribui relativa importância aos caracteres, que podem ser do tipo individual ou do tipo social.

3. Perspectiva Humanista

De acordo com Rogers (1961 cit in Hansenne, 2003), considerava o sujeito na sua totalidade, atribuindo grande importância à criatividade, intencionalidade, livre-arbítrio e espontaneidade. Rogers concede um lugar importante à noção de “si”, e define o modo como as experiências são vividas e a forma como se apreende o mundo. Tendo isto como base, criou um teste intitulando-se Q-sort, e segundo o autor, a personalidade desenvolve-se se no ambiente constar 3 factores primordiais: a empatia, a visão positiva e as relações congruentes.

Maslow (1962 cit in Hansenne, 2003), considerava os indivíduos como fundamentalmente bons, racionais e conscientes. E que estes eram os actores dos seus próprios destinos e evolução. Para além disso, considerava que existiam factores motivacionais que sustentam a personalidade. E tendo isto como base, Maslow elaborou uma hierarquia das necessidades, que são organizadas em função da sua importância.

4. Perspectiva da Aprendizagem

Skinner considerava que o ambiente determina a maior parte das nossas respostas e que em função das suas consequências, as mesmas serão ou reproduzidas ou eliminadas. Refere ainda que os comportamentos respondem a leis: é possível controlá-los através de manipulações do ambiente (Skinner, 1971 cit in Hansenne, 2003).

Para Bandura, os factores mais importantes são os sociais e cognitivos. Insistindo no facto de que a maioria dos reforços são de natureza social, como a atenção dos outros, a aprovação, os sorrisos, o interesse e a aceitação. Ponto fulcral da teoria da aprendizagem de Bandura é o facto de que com base na observação do comportamento de outrem, construímos uma ideia de como os novos comportamentos são produzidos (Bandura, 1971 cit in Hansenne, 2003).

A teoria de Rotter (1966 cit in Hansenne, 2003), considerava que o ambiente podia controlar os comportamentos, sendo um dos aspectos fundamentais na sua teoria a ideia de expectativa, ou seja, uma situação idêntica não ser considerada pela mesma maneira por 2 indivíduos. Com isto, o autor demonstrou que os indivíduos manifestam 2 tipos de expectativas gerais que se podem qualificar como 2 formas de representar a relação entre comportamentos e reforços: trata-se do locus of control.

5. Perspectiva Cognitiva

Kelly (1955 cit in Hansenne, 2003), considerava que os processos cognitivos representam a característica dominante da personalidade. Para tal, o indivíduo formula expectativas às quais chamou de construtos pessoais. Com base nisto criou o REP Test que visa apreendê-los.

Mischel (1995 cit in Hansenne, 2003), rejeitou desde logo a noção de traço de personalidade. Com isto, o autor sugeriu que uma teoria adequada da personalidade devia ter em conta 5 categorias de variáveis cognitivas: as competências, as estratégias de codificação, as expectativas, os valores subjectivos e os sistemas de auto-regulação.

No caso da depressão, Beck (1972 cit in Hansenne, 2003) postulou que os doentes deprimidos têm distorções cognitivas, que fazem com que eles descodifiquem a realidade de maneira inadequada. Derivado disto, o autor elaborou a terapia cognitiva para ajudar as pessoas a modificarem as distorções cognitivas.

6. Perspectiva das Disposições

Allport (1937 cit in Hansenne, 2003), foi o primeiro a utilizar a noção de traço de personalidade. Na sua opinião, cada indivíduo é único em função de uma configuração específica de traços. Assim, o autor distingue traços comuns de traços individuais, definindo 7 fases que terminam no final da adolescência.

Cattell (1965 cit in Hansenne, 2003), baseou-se na observação com principal foco na predição da personalidade. Na teoria deste autor, os traços constituem a dimensão de base da personalidade. Estes traços são herdados e desenvolvem-se ao longo da vida do indivíduo. Com isto, desenvolveu um questionário 16-PF para apreender a personalidade.

Segundo Eysenck (1990 cit in Hansenne, 2003), bastam 3 super traços ou dimensões para descrever a personalidade: extroversão versus introversão, neuroticismo versus estabilidade emocional e psicoticismo versus força do Eu. O autor faz também referência a 4 níveis: os tipos,

os traços, as respostas habituais e as respostas específicas. Eysenck, desenvolveu assim, o EPQ que permite medir as 3 dimensões desta teoria.

Derivado à longa discussão de um grande número de psicólogos da personalidade, consideraram que as diferenças individuais podem determinar-se por 5 factores (Big Five): a extroversão, a agradabilidade, a conscienciosidade, o neuroticismo e a abertura à experiência. Devido a isto, foi desenvolvido um questionário para avaliar as 5 dimensões fundamentais da personalidade: o NEO PI (Hansenne, 2003).

7. Perspectiva Psicobiológica

De acordo com Gray (1982 cit in Hansenne, 2003), a sua teoria surge a partir de observações de comportamentos animais, colocados em condições particulares de recompensa e de punição. Assim sendo, esta teoria fomenta-se em 3 factores: a ansiedade, a impulsividade e o sistema fight/flight.

O modelo proposto por Tellegen (1985 cit in Hansenne, 2003), compreende 3 dimensões preponderantes: a emoção positiva, a emoção negativa e o constrangimento. Foi desenvolvido um questionário para apreender estas dimensões: o Questionário Multidimensional da Personalidade. A emoção positiva está relacionada ao sistema de facilitação comportamental, a emoção negativa está associada com a actividade do locus coeruleus e o constrangimento com a serotoninérgica.

Zuckerman (1994 cit in Hansenne, 2003), substituiu o modelo dos 5 factores por um modelo alternativo. Modelo este de 3 factores compreendendo os factores de sociabilidade, de emocionalidade e de procura impulsiva de sensações de carácter anti-social.

Cloninger (1988 cit in Hansenne, 2003), propõe um modelo biossocial da personalidade, que se articula com temperamentos e caracteres. Cujos temperamentos são geneticamente determinados, estando associados a variáveis biológicas específicas, ao passo que os caracteres correspondem à aprendizagem e aos efeitos do ambiente. Com tudo isto, os temperamentos são: procura da novidade (activação), o evitamento do perigo (inibição), a dependência da recompensa (manutenção) e a persistência. Por outro lado, os caracteres são: a autodeterminação (maturidade individual), a cooperação (maturidade social) e a transcendência (maturidade espiritual). Foi desenvolvido o questionário TCI com 226 itens que permite medir as 7 dimensões do modelo. Hoje em dia existe o TCI-R que veio substituir o anterior para diagnosticar perturbações da personalidade.

CONCLUSÃO

Com este trabalho pode-se constatar e avançar na ideia que a personalidade é um conjunto de processos cognitivos e automáticos que nos fazem reagir sobre uma determinada forma, tendo em conta os diversos contextos. Penso que actualmente, a personalidade deve ser entendida como um misto de factores biológicos e ambientais, estando ambos intimamente relacionados.

É não menos importante de referir que ao longo dos tempos a personalidade começa a ser considerada importante noutros domínios da psicologia, como na inteligência e nas emoções (Hansenne, 2003).

É também necessário promover a formação universitária neste âmbito, para que se tenha uma maior preocupação relativamente ao tema de avaliação, associando-o a uma abordagem do counselling, tendo por objectivo o respeito do homem em todos os seus componentes (Bernaud, 1998).

Pretendo com este trabalho apelar a todos os possíveis interessados nesta temática a avançar deste modo num estudo mais extenso e profundo.

Bibliografia

Bernaudo, J. (1998). *Métodos de avaliação da personalidade*. Lisboa: Climepsi.

Hansenne, M. (2003). *Psicologia da Personalidade*. Lisboa: Climepsi.